



ALMEIDA GARRETT

**VIAGENS  
NA MINHA TERRA**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA



*Título:* Viagens na Minha Terra

*Autor:* Almeida Garrett

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Capa:* fotografia de Margarida Dias

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Fevereiro de 2010

*ISBN:* 978-972-27-1669-7

*Depósito legal:* 302 782/09

## EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE ALMEIDA GARRETT

### POESIA

*O Retrato de Vénus — Ensaio sobre a História da Pintura* (e textos da polémica)

*Camões*

*D. Branca*

*Lírica de João Mínimo* (e outros poemas da juventude)

*Flores sem Fruto*

*Folhas Caídas*

Produção poética deixada inédita

### TEATRO

*Catão*

*Mérope*

*Um Auto de Gil Vicente*

*O Alfageme de Santarém*

*Frei Luís de Sousa*

*Filipa de Vilhena*

*A Sobrinha do Marquês*

*Tio Simplício*

*Falar Verdade a Mentir*

Produção dramática deixada inédita

### FICÇÃO NARRATIVA

*O Arco de Sant'Ana*

*Viagens na Minha Terra*

Produção narrativa deixada inédita

### ROMANCEIRO

### ENSAIO

*Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*

*Da Educação*

*Portugal na Balança da Europa*

*Dispersos*

Produção ensaística deixada inédita

### DISCURSOS POLÍTICOS

### PÁGINAS DE JORNALISMO

### CORRESPONDÊNCIA

### VARIA

## A EDIÇÃO CRÍTICA DA OBRA COMPLETA DE ALMEIDA GARRETT

*Destina-se este preâmbulo a esclarecer de forma sintética quais os objectivos e fundamentais critérios que presidiram ao trabalho da equipa de investigadores empenhados, com tanta dedicação, na tarefa urgente, morosa e complexa da edição crítica da obra integral de Garrett.*

*Serão dados a lume não só os textos publicados em vida do autor — poesia, teatro, ficção narrativa, romanceiro, ensaio, produção jornalística, intervenção oratória —, mas também os que tiveram divulgação editorial póstuma e os que permanecem em versão manuscrita; e proceder-se-á a uma fixação textual acompanhada por um aparato crítico-genético, com base nos seguintes princípios:*

- *Estabelecimento, para cada obra, de um texto-base que representa a última forma conhecida da responsabilidade do autor.*
- *Aparato, colocado em rodapé, que regista, por ordem de sucessão cronológica, as variantes, testemunhadas por manuscritos ou edições, que representam, em relação ao texto-base, estádios da maturação (linguística, estética, semântica) que o antecedeu.*
- *Prática da modernização ortográfica do texto garrettiano sempre que não apague formas que assinalam, num momento em que a grafia não estava submetida ainda a uma sistematização normativa, realizações fónicas distintas das actuais ou devidas a razões estilísticas de diversa índole.*
- *Manutenção da subtil pontuação garrettiana, a não ser em casos de necessidade evidente de correcção ou de aconselhável esclarecimento da sintaxe dos textos.*
- *Os critérios gerais enunciados — a especificar nos volumes que integram a edição crítica, dada a natureza pe-*

*cular dos problemas que as obras podem eventualmente oferecer — indicam o carácter moderadamente conservador da transcrição textual: desejámos oferecer um texto-base de leitura facilitada pela eliminação de marcas ortográficas oitocentistas irrelevantes (por exemplo, as consoantes duplas), mas quisemos com ele manter a «cor histórica» representativa de um certo momento da evolução da língua ou de uma preferência de Garrett, possuidor que era de um apuradíssimo sentido da eufonia, dos valores semântico-estilísticos das palavras, da variedade idiolectal do português do seu tempo.*

*O desejo máximo desta edição, destinada naturalmente a leitores exigentes, é que, oferecendo-lhes um texto estabelecido com a preocupação do rigor ecdótico e da oferta da máxima informação conseguida sobre a maturação por que passou nas mãos do autor, se torne, para os estudiosos da literatura e da língua, um instrumento de trabalho seguro e enriquecedor, digno do lugar axial que Garrett ocupa no património das nossas Letras e da nossa Cultura.*

*Foram determinantes para o lançamento desta edição crítica o apoio recebido da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a aceitação, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, da pesada tarefa editorial, a boa vontade da Universidade de Coimbra (em particular da Biblioteca Geral, onde se encontra o grande espólio de Garrett, e da Faculdade de Letras, à qual pertence a Sala Ferreira Lima — sede do nosso trabalho —, também muito rica em textos garrettianos e do século XIX português): a to-*

*das estas instituições dirigimos um vivo agradecimento, que também endereçamos ao Prof. Ivo Castro, pelo criterioso e infatigável aconselhamento com que nos ajudou a ponderar orientações e dúvidas.*

*Para todos os membros da equipa (sem esquecer as bolsistas de investigação que a integraram) vai, enfim, a expressão do muito reconhecimento pelo seu empenho.*

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

*No limiar deste volume, deixo um vivo agradecimento:*

*à Doutora Maria Helena Santana, amiga de todas as horas, leitora  
atenta e crítica, sempre disponível;*

*às ex-bolseiras de investigação do Centro de Literatura  
Portuguesa da Faculdade de Letras de Coimbra, Ana Lúcia Terra,  
Rita Margarida Correia e Carla Abreu Vaz, a cujo empenho  
e agilidade informática muito deve esta edição das Viagens.*

## INTRODUÇÃO

## 1. A singularidade de Garrett

Quando perspectivamos Almeida Garrett no tempo português que foi o seu (1799-1854) — tempo de transformações profundas do viver colectivo, quer no campo sócio-político e ideológico, quer no das letras e artes —, ele ganha um fulgor *singular*, tão isolado fica, como homem e escritor, do seu contexto. Não encontramos de facto, nos que geracionalmente lhe estiveram próximos — Castilho, Herculano, Mendes Leal —, quem apresente idêntica soma de facetas, essa que o torna a ele simultaneamente *romântico* e *moderno*, autor datável — particularmente representativo até de atitudes e orientações epocais — e jovem ainda hoje. Tal sortilégio vem da aliança do seu perfil de escritor/cidadão combativo mas de espirituosa elegância urbana, ao que disse, na forma por que o disse, perscrutando o homem e a história com uma lucidez que nos toca por desvelar grandezas e misérias de sempre, ditas com uma agilidade formal, subtil e inventiva, que ficou sem par.

O «Garrett» de quem assim falamos não é o autor de muitas obras. Se todas quantas concebeu são «interessantes» pela conjugação que realizam, com êxito maior ou menor, das formas do conteúdo e da expressão, revelando concomitantemente o crescimento do seu autor (das Luzes e do Neoclassicismo epigonal ao Romantismo), num confronto constante com o devir histórico do País após o triunfo liberal de 1820, três — e todas da maturidade — são as que consensualmente lhe dão o fulgor que referíamos, porque únicas e «matriciais»: *Frei Luís de Sousa*, *Viagens na minha Terra*, *Folhas Caídas*, obras muito diversas entre si e todavia aproximáveis pela «respiração» que exalam.

*Frei Luís de Sousa*, o drama que Garrett disse ter a «índole» de uma tragédia antiga ao apresentá-lo em 1843 ao Conservatório de Lisboa na famosa «Memória» que constitui um dos textos mais notáveis da nossa reflexão teórico-crítica romântica, encena de modo inquietante a catástrofe humanamente *absurda* (porque imerecida e inesperável segundo a lógica) de uma família «boa e temente a Deus», articulando problemas do foro íntimo (a mobilidade dos afectos, os imperativos religiosos e morais em luta com a ânsia de felicidade, o sentimento de culpa, o desejo de nobreza de alma) com o contexto português da dominação castelhana e da espera sebástica; obtendo também a tensão patética, geradora de «terror» e «piedade», com uma simplicidade na construção e uma agudeza na tradução das sinuosidades interiores sem igual nos palcos coevos de Lisboa, infestados pelo melodrama, mal escrito e mal representado.

Também *Folhas Caídas*, a colectânea lírica de 1853 que reúne poemas de amor, nos põe bem longe do «tom» geral dos temas e formas da sentimentalidade romântica. Numa linguagem de novo marcada pela *naturalidade*, por vezes coloquial, eficazmente aliada a ritmos curtos (com predomínio da popular redondilha), aí se mostram com nova transparência, por alguns acusada de despudor, as ardências contrastadas de um coração fremente mas vacilante, ora inebriado por sonhos de ventura espiritual e física, ora atormentado por malogros, uns imputados à sedução de «Ela», que engana e destrói, outros ao poeta-amante, que não sabe dar-se nem conciliar alma e corpo num «gozo» que não traga a dor.

Da singularidade de *Viagens na minha Terra*, iremos falar daqui em diante mais longamente. Limitemo-nos a afirmar por agora que é neste livro (publicado entre 1843 e 1846) — a que o próprio Autor chama «despropositado e inclassificável», mas que se estrutura, como veremos, com organicidade profunda — que melhor se desenha, num à-vontade formal sem precedentes que marca o nascimento da modernidade na prosa portuguesa, o nervoso e fino vulto garrettiano, tão sedutor nas suas polivalências: o poeta que religiosamente *sonha* a autenticidade e a plenitude, o cidadão lúcido e empenhado, desiludido pelo país que vê, o mundano culto, elegante, fátuo e espirituoso que «perence» à sociabilidade da urbe burguesa nascida do processo liberal.

## 2. Por detrás de *Viagens na minha Terra*: a maturidade irónica de Garrett e o tempo português circunstante

No elogioso prólogo que acompanha a publicação em 1846, em dois volumes, do texto completo das *Viagens*<sup>1</sup>, lê-se com inteira justiça — embora com exacerbado narcisismo se for Garrett o seu escondido autor, como habitualmente se crê — que um livro assim, iluminado por uma «filosofia profunda» e um «transcendente pensamento moral» ainda quando «folga e ri com as mais graves coisas da vida», revelador de «erudição vastíssima» e dotado de uma «flexibilidade de estilo espantosa», só poderia ter sido escrito por quem fosse, como o seu autor, um «verdadeiro homem do mundo», cuja existência contrastada, ora em convívio com as «notabilidades» do saber e da política, ora em contacto «com as elegâncias e as fatuidades do século», lhe tivesse granjeado «um profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana».

Assim é: as *Viagens* são um fruto polifacetado da maturidade de Garrett, resultante de um itinerário sinuoso em que a sua aventura interior se cruzou sempre com as metamorfoses do crucial tempo português da primeira metade de Oitocentos; maturidade marcada pela *ironia* — essa incapacidade, sorridente ou amarga, de crer em epifanias, todavia desejadas, por força de um saber «dos homens e das coisas», desenganado mas não céptico, saído do constante embater do anseio com a decepção. O prólogo referido, rejeitando como «absurda» a acusação de cepticismo lançada sobre o autor das *Viagens* — acusação acicatada sem dúvida pela publicação, recente, do volume primeiro de *O Arco de Sant'Ana*, com a sua denúncia do nefasto ressurgimento da oligarquia eclesiástica<sup>2</sup> —, acentua com justeza:

Quando o nosso autor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que ele maneja com tanta força e

---

<sup>1</sup> Com algumas diferenças, esse prólogo já fora publicado pela *Revista Universal Lisbonense*: cf. *infra*, pp. 83.

<sup>2</sup> O volume I de *O Arco de Sant'Ana* foi publicado, anónimo, em Fevereiro de 1845, pela Imprensa Nacional, desencadeando uma polémica que Maria Helena Santana evoca na sua «Introdução» à edição crítica do romance (col. «Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett», Lisboa, Imprensa

dexteridade, e que talvez por isso mesmo, cômico de seu poder, ele rara vez toma nas mãos — veja-se que é sempre contra a hipocrisia, contra os sofismas, e contra os hipócritas e sofistas de *todas as cores*, que ele o fez. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. [...]

Voltando à acusação de cepticismo, ainda dizemos que não pode ser céptico o espírito que concebeu, e em si achou cores com que pintar tão vivos, caracteres de crenças tão fortes como o de Catão, de Camões, de Fr. Luís de Sousa, — e aqui nesta nossa obra, os de Fr. Dinis, de Joaninha, da Irmã Francisca.<sup>3</sup>

Crenças fortes, nos planos religioso, ético e cívico, sempre as teve de facto o Escritor, nascido no seio de uma família rica «de todas as virtudes religiosas e civis»<sup>4</sup>, onde sobretudo aprendera a ser «homem» com um preceptor austero e culto que nunca deixou de venerar, o seu tio franciscano D. Frei Alexandre da Sagra-

---

Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 20-26). Como adiante se dirá, as *Viagens* tiveram, antes da edição autónoma de 1846, uma edição integral na *Revista Universal Lisbonense*, começada em Junho de 1845; ora os artigos de crítica ao *Arco* (insistindo no cepticismo do Autor) e os que o defendiam saíram na imprensa entre Fevereiro e Junho de 1845, levando a mesma *Revista Universal Lisbonense* a intervir, em 3 de Julho (t. v, n.º 2), em favor do romance de Garrett (como já fizera, em 1843, quando dera a lume os seis primeiros capítulos das *Viagens*, também acusados de militância partidária oposicionista. V. *infra*, Anexo V, pp. 523)

<sup>3</sup> No início do cap. XXXIX das *Viagens*, é o Narrador/Garrett quem, com algum azedume, se defende das acusações de cepticismo que lhe lançavam: «O final do capítulo antecedente é, bem o sei, um terrível documento para este processo de cepticismo em que me mandaram meter certos moralistas de *requiem* de quem tenho a audácia de me rir, deles e da sua querela e do seu processo, protestando não me agravar nem apelar, nem por nenhum modo recorrer da mirífica sentença que suas excelentíssimas hipocrisias se dignarem proferir contra mim.» Nesse final do capítulo XXXVIII, a que alude, fala-se da «vida absurda» resultante das leis, dos costumes, das instituições existentes e da enorme incoerência que é, consequentemente, «afectar nas palavras a exactidão, a lógica, a rectidão que não há nas coisas».

<sup>4</sup> Assim a rotula Garrett na autobiografia (anónima) publicada em 1843, no t. III da revista *O Universo Pittoresco* (integrada em Garrett, *Obras Completas, Grande Edição Popular, Ilustrada*, dirigida por Teófilo Braga, vol. I, 1904, p. XXXIX; esta edição, a que recorreremos frequentemente, será designada pelas iniciais O. C.).

da Família, Bispo de Angra (modelo real de muitos dos traços dados ao Frei Dinis das *Viagens*)<sup>5</sup>; tais crenças sofreram, porém, em Garrett, ao longo do seu tempo pessoal e do seu tempo histórico, um «processo» de desgaste pelo qual foi vindo, em sucessivas etapas, da esperançosa alegria juvenil, nascida da «inocência» confiante, até essa ironia criada pela lucidez trazida com a deslustrante «experiência» («Experiência fatal, tu me roubaste / A tão doce ilusão, em que eu vivia!», lê-se no início do inacabado poema *Magriço*, datado do segundo exílio<sup>6</sup>); e, a acicatar tal caminho, estiveram nos anos 40, período em que se insere a composição das *Viagens* e de outras obras-mestras — *Frei Luís de Sousa*, múltiplos poemas das colectâneas *Flores sem Fruto* e *Folhas Caídas* — circunstâncias difíceis do viver íntimo do Escritor e do contexto português.

No plano dos afectos, Garrett passou então por uma crise intensa, que ecoa na sua criação ficcional. Em 1841, morria na flor da idade Adelaide Pastor, a quase adolescente que pouco antes se lhe entregara, apaixonada, vencendo pesados preconceitos<sup>7</sup>: dessa ligação ficara-lhe uma filha pequena (e única), cuja condição de ilegitimidade criara com certeza no pai — e extremoso pai foi Garrett — um sofrimento aumentado pelo provável remorso de só ter dado à jovem falecida uma correspondência tibia, de tão imerso andar na dissipação da voragem social e de amores efémeros, presos à vertente narcísica e dândi da sua índole<sup>8</sup>; mas,

---

<sup>5</sup> Cf. Ofélia Paiva Monteiro, *D. Frei Alexandre da Sagrada Família. A sua espiritualidade e a sua poética*, Coimbra, 'Acta Universitatis Conimbrigensis', 1974. Lê-se, na ode «A meu tio D. Alexandre da Sagrada Família», datada de 1821, que inaugura o livro III da *Lírica de João Mínimo* (O. C., I, p. 83): «Eu não te verei mais, rugosa face / Do venerando velho, / Que da existência na vereda íngreme / As primeiras pisadas / Me endireitou no trilho da justiça! / Órfão de tal amigo / Terei de ir só avante, onde é mais árdua, / Mais difícil a estrada! / Sagrados manes, alumiai-me a vida / C'um facho lá do Elísio: / Sede-me guia na escabrosa senda / Que temeroso enceto, / Por que vossas pegadas retilhando / Qual fostes seja, um homem.»

<sup>6</sup> De *Magriço* só restam os fragmentos publicados por Teófilo Braga no vol. II das *Obras Póstumas* de Garrett, dadas a lume em 1914.

<sup>7</sup> Garrett era de facto casado com Luísa Midosi, de quem estava separado, todavia, desde 1836.

<sup>8</sup> Provirá desse fundo íntimo o remorso que, num embrião romanesco de 1849 — *A cruz e o perjúrio*, guardado no espólio garrettiano da Biblioteca

com «um filho no berço e uma mulher na cova», nada tendo que amar no mundo «senão uma saudade e uma esperança» — como diz o Narrador das *Viagens* (cap. XI), colando-se com ligeiras distorções ao Escritor —, já nele irrompia, por 1845-1846, a incandescente paixão por uma bela espanhola casada, Rosa Montufar, Viscondessa da Luz, paixão que, abrindo-lhe inicialmente o céu («E posto que hoje, faz hoje um mês, em tal dia como hoje, dia para sempre assinalado na minha vida, me aparecesse uma visão, uma visão celeste que me surpreendeu a alma por um modo novo e estranho [...], posto que a visão passou e desapareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que...») — lê-se no mesmo capítulo das *Viagens*), o pungira depois com decepções até ficar reduzida a um «querer bruto e fero» que lhe gelava a alma<sup>9</sup>. Em textos de Garrett criados nos anos que acompanham estes factos, surgem, refractando-os, situações ficcionais que dão «forma», não a plenitudes simples da vida do coração, mas a inquietações, meandros ou inconstâncias que duramente a ferem: na morte por «vergonha» da sonhadora e tão débil Maria, de *Frei Luís de Sousa*, não ecoará a perturbação do Escritor com a situação da pequena Adelaide, sua filha? não sairá da experiência, em si e nos outros, da leveza do ser e da conseqüente volatilidade dos afectos a incapacidade de amar sem fracturas que, na novela integrada nas *Viagens*, põe em Carlos, atingido pela «flutuação inquieta e doentia»<sup>10</sup> do homem social?

Se, na esfera da intimidade afectiva, a maturidade de Garrett se acompanhou, pois, da consciência da precariedade — o terreno movediço onde então via caminhar o Homem, privado da grandeza e da solidez que lhe atribuíra na verdura dos anos juve-

---

Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Mss. 76 e 77 —, Garrett coloca em Jorge, um escritor entregue à dispersão do mundo, que se inculpa da morte da jovem que o amara e a quem não dera resposta que a nutrisse. Do referido espólio existe um *Inventário*, organizado por Henrique de Campos Ferreira Lima e dado a lume em 1943 pela Biblioteca mencionada.

<sup>9</sup> Cf. «Não te amo», in *Folhas Caídas*, livro I. São conhecidas vinte e duas cartas de Garrett a Rosa Montufar, muito esclarecedoras; foram reeditadas em 2007 (Almeida Garrett, *Cartas de Amor à Viscondessa da Luz*, Introdução, organização, fixação do texto e notas de Sérgio Nazar David, Vila Nova de Famalicão, ed. Quasi).

<sup>10</sup> Cf. *Viagens*, cap. xxiv.

nis <sup>11</sup> —, mostrou, no campo dos empenhos intelectuais e cívicos, um desgaste convergente, que não o afastou, porém, da militância. Passara o tempo do ingénuo entusiasmo do vintismo, quando acreditara (com Rousseau) na bondade «natural» do homem primitivo e na pronta regeneração do país decrépito pela força operante dos ideais de liberdade, fraternidade, justiça, luzes; o vigor da contra-revolução, os sofrimentos do exílio após a Vilafrancada, os dissídios que fragmentavam os Portugueses (até os próprios liberais) tinham-lhe abatido essa euforia («Tal como ele é vi o homem! Aos meus olhos / De vergonha e de dó vieram lágrimas» — lê-se também em *Magriço*), trazendo-o do constitucionalismo exaltado dos anos 20 às posições moderadas que assumira ao aderir em 1826 à Carta Constitucional de D. Pedro (e ao compromisso entre a «ordem» antiga e a «ordem» nova por ela estabelecida), reconhecendo prudentemente ser necessária à harmonia social a conciliação das reformas liberais com a configuração obsoleta do País *real*: Garrett tornara-se de facto adepto da *análise* que pondera as conjunturas, em desfavor da *síntese* firmada em teorias cuja aplicabilidade mal sonda. «O homem de sistemas» — lê-se já num dos textos escritos, em 1827, para *O Cronista* (periódico de que foi quase redactor único) — «sacrifica a verdade, a razão, a justiça e a própria moral a seus princípios convencionais, porque essa razão factícia, a tem ele por superior à natural» <sup>12</sup>. *Combinação, reacção, repercussão* tinham passado a ser por isso conceitos dominantes no espírito de Garrett <sup>13</sup>, perdida a capacidade juvenil de visionar o tempo como uma expansão na perfectibilidade; amadurecido, percepcionava-o como um *progresso*, sim, mas feito na turbulência de acções e reacções que se iam dialecticamente sucedendo, em actualizações sempre diversas da

---

<sup>11</sup> Leia-se, por exemplo, na *Lírica de João Mínimo*, a ode «Madrugada no Jardim Botânico de Coimbra», datada de 1820 (de 1821, na 2.<sup>a</sup> ed. da *Lírica*).

<sup>12</sup> Cf. Garrett, *Obra Política. Doutrinação da Sociedade Liberal (1827)*, vol. II (col. «Obras Completas de Almeida Garrett», t. 8), Organização, fixação de textos, prefácios e notas de Maria Helena da Costa Dias, Luís Augusto Costa Dias e João Carlos Faria, Lisboa, Editorial Estampa, 1992, p. 112.

<sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, o ensaio *Portugal na Balança da Europa*, de 1830. Cf. Ofélia Paiva Monteiro, «O imaginário científico em Almeida Garrett», in *Poesia da Ciência — Ciência da Poesia* (textos reunidos e organizados por Marc-Ange Graff), Lisboa, Escher, 1991.

luta *fatal* entre as duas forças opostas que via regerem o mundo — o «espiritualismo» e o «materialismo», de que fala nas *Via-gens* (cap. II); «progredir» não era senão isso, concluíra, e, por uma lei forçosa, *progride-se* sempre, diz aí também, sorrindo com ironia; jamais o que é pode tornar ao que já foi, nem tomar-se por modelo estável do que será, pois a mutação é a lei do real, tanto na sociedade, quanto na substância interior do eu (lembre-se *Frei Luís de Sousa*, que efabula o drama da polivalência íntima em Madalena de Vilhena ou Telmo, partidos entre um «outrora» e um «hoje», e que mostra, nas trágicas consequências do regresso do Passado com D. João de Portugal, o desastre de se pretender parar o dinamismo irreversível do tempo).

Nas transformações do devir português — impressiva documentação deste *progresso* entre retrocessos — vira-se Garrett forçado a reajustamentos sucessivos no seu pensar e no seu actuar (e daí as frequentes acusações de incoerência e oportunismo que lhe foram lançadas). Gorada a esperança depositada na moderação da Carta pelo desencadear tumultuoso da luta de facções que trouxe o retorno triunfante de D. Miguel em 1828<sup>14</sup>, sofrera novo exílio, a que se seguira a participação na expedição libertadora de D. Pedro e, depois, na guerra civil; com a vitória liberal definitiva, em 1834, viera o triunfo da causa que perfilhara, mas também a confrangedora verificação de terem dele brotado imprudências e malefícios: leis exigidas pela remodelação do País doente — sobretudo as de Mouzinho da Silveira, que reorganizavam administrativamente o território e acabavam com privilégios e morgadios, e as de Joaquim António de Aguiar, que extinguíam as ordens religiosas e passavam os seus bens para o domínio público — tinham nefastamente desencadeado a desordem, por falta de regulamentação adequada, e promovido a vindicta, o caciquismo e a ganância, a coberto dos «slogans» da liberdade<sup>15</sup>. Perante tão

---

<sup>14</sup> Após o insucesso da Abrilada, capitaneada por D. Miguel, o infante fora obrigado por D. João VI a retirar-se para Viena.

<sup>15</sup> Muito esclarecedora é a *Memória Histórica de J. Xavier Mouzinho da Silveira*, dada a lume por Garrett em 1849 (*O.C.*, vol. II, pp. 433-441). Aí se lê (p. 438):

Hoje nos achamos entre um passado impossível depois daquelas leis — entre um futuro tremendo porque é obscuro, insondável e de nenhum modo preparado — e com um presente tão